
HIV e Revista Veja: Uma Análise Comparativa De Reportagens de 1989 e de 2019¹

Caroline Knup TONZAR²

Mônica Panis KASEKER³

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR

RESUMO

Nesse artigo, propõe-se uma análise comparativa entre a reportagem *Cazuza: uma vítima de aids agoniza em praça pública*, publicada na revista Veja em 26 de abril de 1989 e a reportagem *Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids*, publicada na revista Veja no dia primeiro de novembro de 2019. O objetivo é verificar as diferenças e as semelhanças entre os dois materiais, ao considerar os contextos que foram veiculadas. Dessa forma, a metodologia utilizada é a Análise do Discurso de Maingueneau (2013). Conclui-se que as reportagens divergem em diversos aspectos, especialmente relacionados às fontes, à linguagem e às informações referentes ao HIV/Aids. Por outro lado, é possível encontrar semelhanças, como a exclusão de informações essenciais sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Aids, HIV, revista Veja, reportagem.

INTRODUÇÃO

O HIV/Aids é muito mais do que uma questão de saúde pública, uma vez que envolve questões relacionadas à estigmatização da doença e dos doentes. Isso acontece, principalmente, porque o HIV/Aids é uma IST (Infecção Sexualmente Transmissível), o que torna a doença um tabu. Por estar relacionada à sexualidade e à orientação sexual, envolve questões de preconceito.

A orientação sexual é um aspect determinante para o HIV/Aids. No início da epidemia, na década de 1980, os primeiros casos da doença foram diagnosticados em homens homossexuais. Em meio ao desconhecimento sobre as formas de transmissão, a doença passou por um processo de estigmatização.

O HIV/Aids, no início da epidemia, foi chamado de “praga gay” e de “cancer gay”, uma vez que era visto por muitos como um castigo enviado por Deus aos

¹ Trabalho apresentado II - Jornalismo, do XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: caroline_tonzar@hotmail.com.

³ Doutora em Sociologia, professora do Curso de Jornalismo e do Mestrado de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: mkaseker@gmail.com.

homossexuais. Esse contexto influenciou o imaginário social da população da época, mas as consequências podem ser observadas até a atualidade.

No início da epidemia, as pessoas diagnosticadas com HIV eram divididas em dois grupos: vítimas culpadas e vítimas inocentes. As vítimas culpadas, como o próprio termo sugere, eram vistas como responsáveis pelo seu diagnóstico positivo para o vírus. Nesse grupo, estavam inclusos indivíduos com a orientação sexual divergente e usuários de drogas intravenosas.

Por outro lado, as vítimas inocentes eram vistas como as verdadeiras vítimas do HIV/Aids, uma vez que não tinham culpa por terem sido diagnosticadas com HIV. Nesse grupo, estavam inclusos crianças e indivíduos que passavam por transfusões de sangue.

A divisão dos doentes em dois grupos permitia que a sociedade direcionasse seu preconceito às vítimas culpadas. Por terem um comportamento considerado divergente, as vítimas culpadas não mereciam a piedade das pessoas, uma vez que eram vistas como pecadoras ou iam contra a “normalidade” e, por isso, estavam sendo castigadas.

Os primeiros casos de HIV/Aids foram identificados em homens homossexuais e, desde então, esse grupo tem sido o mais afetado pelos preconceitos e pelos estigmas relacionados à doença. Por mais que a origem do HIV não seja um consenso entre os cientistas, atualmente, a doença já possui tratamentos efetivos e, mesmo assim, os homossexuais continuam a passar por situações de preconceito.

Segundo dados do Unids (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids), 75,7 milhões de pessoas foram diagnosticadas com HIV em todo o mundo desde o início da epidemia até junho de 2019. Desse total, 32,7 milhões morreram em decorrência de alguma doença oportunista relacionada à Aids.

O boletim mostra que, até junho de 2019, 38 milhões de pessoas viviam com HIV no mundo. Destas, 25,4 milhões têm acesso à terapia antirretroviral, ou seja, ao tratamento para a doença.

Os avanços na medicina permitiram que os tratamentos evoluíssem ao ponto de o HIV/Aids não estar diretamente relacionado à morte, como acontecia no passado. Afinal, no início da epidemia, receber o diagnóstico positivo para HIV era uma verdadeira sentença de morte.

Além de avanços no tratamento, o HIV/Aids apresentou, ao longo do tempo, diversas possibilidades de prevenção, sendo os principais: PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), PEP (Profilaxia Pós-Exposição) e TasP (Prevenção como Tratamento).

A PrEP pode ser definida como o uso preventivo de medicamentos antirretrovirais antes que o indivíduo se exponha ao vírus. Esse método promove uma vida sexual mais saudável tanto para as pessoas que vivem com HIV quanto para as pessoas que não vivem com o vírus.

A PEP, por outro lado, é uma medida de urgência, que também possui o objetivo de prevenir a infecção pelo HIV, além de outras ISTs, como hepatites. O método consiste no uso de medicamentos que reduzem o risco de transmissão do vírus depois que o indivíduo passou por uma situação de risco. Dessa forma, a PEP é utilizada em situações nas quais a pessoa ficou exposta ao risco de contágio, como relações sexuais desprotegidas, violência sexual e acidentes com objetos perfurocortantes.

O TasP (Treatment as Prevention, em inglês) é o tratamento como prevenção. Como o termo sugere, ao tratar o HIV, o indivíduo também contribui com a prevenção da doença. O termo foi inicialmente proposto em 2008 por pesquisadores suíços e está diretamente relacionado à premissa I = I (Indetectável = Intransmissível), que determina que pessoas que vivem com HIV e que estão com a carga viral indetectável no sangue não transmitem o vírus por meio de relações sexuais.

Menos difundida do que a PrEP e do que a PEP, a premissa I = I é uma importante forma de prevenção ao HIV/Aids. Além de possibilitar que as pessoas que vivem com HIV possam ter filhos de forma natural, o I = I é importante para trazer mais qualidade de vida às pessoas diagnosticadas com o vírus.

Diante de todas as evoluções nas formas de prevenção e de tratamento do HIV, é necessário considerar que muitos aspectos relacionados à doença mudaram desde a década de 1980 até a atualidade. Dessa forma, esse artigo nasce da necessidade de verificar como o tema foi abordado no início da epidemia e como tem sido abordado nos últimos anos.

O objetivo do trabalho é verificar se existem semelhanças e diferenças entre as coberturas e, se existirem, quais são. A Análise do Discurso de Maingueneau (2013) foi escolhida como metodologia porque permite a visualização dos materiais de acordo com o context em que foram publicadas.

As reportagens escolhidas para essa análise foram: *Cazuza: uma vítima de aids agoniza em praça pública*, publicada pela revista *Veja* no dia 26 de abril de 1989, e *Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids*.

A COBERTURA JORNALÍSTICA DO HIV/AIDS

Assim como outros aspectos da vida humana, as doenças são interpretadas e entendidas pela sociedade de acordo com valores sociais, econômicos e culturais. De maneira geral, o Ocidente enxerga as enfermidades como algo negativo e, por isso, é comum associar a doença ao conceito de morte.

Em “Doença Como Metáfora/Aids e Suas Metáforas” (2007), Susan Sontag aponta que a relação entre doença e morte existe em muitas doenças. No livro, a autora explica que, no passado, assim que o paciente recebia um diagnóstico de câncer ou de tuberculose, a família já associava a situação à morte.

Por mais que estivessem relacionadas à morte, o câncer e a tuberculose evocavam nas pessoas sensações divergentes, de acordo com Sontag (2007, p. 10). Segundo a autora, enquanto a tuberculose era vista como uma enfermidade com características afrodisíacas, o câncer não tinha glamour algum (2007).

Dessa forma, é possível perceber que, ao morrer de tuberculose, o paciente tinha uma morte considerada bela e espirituosa para a sociedade da época. Por outro lado, o câncer levava a uma morte sem fantasia alguma, somente relacionada à dor.

Assim como o câncer e a tuberculose, a Aids recebeu diversas interpretações ao redor do mundo.

A prevalência da nova doença em homens homossexuais foi o suficiente para suscitar na população mundial o estigma de “praga gay” e “câncer gay”. A partir 1981, com a publicação da reportagem *Rare cancer seen in 41 homosexuals* (em tradução literal do inglês: “Câncer raro é observado em 41 homens homossexuais), no *The New York Times*, a cobertura jornalística sobre o assunto se intensificou e, enquanto o desconhecimento era uma realidade nas comunidades médica e científica, o terror se espalhou pelo mundo.

Figura 1 – Título e linha-fina da primeira reportagem sobre HIV/Aids nos Estados Unidos, publicada no jornal *The New York Times* em 3 de julho de 1981

THE NEW YORK TIMES,
FRIDAY, JULY 3, 1981

A20 L

**RARE CANCER SEEN
IN 41 HOMOSEXUALS**

**Outbreak Occurs Among Men
in New York and California
—8 Died Inside 2 Years**

Fonte: Acervo digital do jornal *The New York Times*

Com o passar dos meses, reportagens jornalísticas impressas, radiofônicas e televisivas levavam às pessoas ao redor do mundo novidades sobre a nova doença que se espalhava pelos países. Mesmo diante de descobertas importantes, como as formas de transmissão do vírus, muitos veículos propagaram visões preconceituosas e estigmatizadas da doença.

No Brasil, um dos principais exemplos é a reportagem *Cazuza: uma vítima da aids agoniza em praça pública*, veiculada na revista *Veja* em 1989. A capa trouxe polêmica na época de sua publicação e, até a atualidade, é considerada um exemplo negativo de cobertura jornalística sobre HIV/Aids.

Atualmente, mais de 40 anos após o início da pandemia, pessoas que vivem com HIV/Aids ainda convivem com preconceitos e com estigmas que surgiram há muitos anos. Mesmo que os avanços da medicina tenham possibilitado aos indivíduos mais qualidade de vida, algumas pessoas ainda não têm conhecimento e, com isso, o preconceito ainda é uma realidade.

Diversas são as dificuldades vivenciadas por PVHA (Pessoas Vivendo com Infecção pelo HIV), ao tentar alcançar uma qualidade de vida satisfatória [...]. Conviver com o HIV, atualmente, exige mais do que somente tratar a doença, pois PVHA necessitam lidar diariamente com problemas transdisciplinares que envolvem sintomas depressivos, estigma, discriminação e os efeitos adversos relacionados ao regime terapêutico. (JESUS et. al., 2017, p. 302).

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para esse artigo consiste na Análise do Discurso, que terá como base os conceitos de Dominique Maingueneau (2013) e Eni Puccinelli Orlandi (1994).

Maingueneau (2013) aponta que o discurso é uma organização que está além dos limites da frase, o que significa que este é determinado por estruturas de ordens exteriores às palavras e à organização frasal.

Já para Orlandi (1994), a metodologia se apoia na reflexão do que é produzido pela relação entre um sujeito e um sentido e, por isso, “propõe [...] uma forma de pensar sujeito e sentido que se afasta tanto do idealismo subjetivista (sujeito individual) como do objetivismo abstrato (sujeito universal)” (ORLANDI, 1994, p.55).

[...] ao pensar a relação entre linguagem e sociedade, ela não sugere meramente uma correlação entre elas. Mais do que isso, o discurso é definido como processo social cuja especificidade está em que sua materialidade é linguística. Há, pois, construção conjunta entre o social e o linguístico. (ORLANDI, 1994, p. 56).

O contexto é uma das condições de existência do discurso. Mesmo que Maingueneau (2013) afirme que o discurso não necessariamente intervém em um contexto, não é possível “atribuir um sentido a um enunciado fora de contexto; o ‘mesmo’ enunciado em dois lugares distintos corresponde a dois discursos distintos”. O autor estabelece ainda que o discurso contribui para formar um contexto, tendo, inclusive, o poder de modificá-lo.

BREVE HISTÓRICO DA REVISTA VEJA

A revista *Veja*, que foi fundada em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta e publicada pela Editora Abril, possui distribuição semanal desde seu surgimento. A linha editorial da publicação abrange assuntos diversos tanto do âmbito nacional quanto do cenário internacional. Os principais temas estão relacionados à política, à economia, à cultura, à tecnologia, à religião, à ciência e à saúde.

De acordo com dados do IVC (Instituto Verificador de Comunicação), a revista *Veja* registrou, em 2020, uma tiragem média de mais de 261 mil exemplares impressos e digitais por edição.

A primeira edição da revista, publicada em setembro de 1968, destacava em sua capa a reportagem *O grande duelo no mundo comunista*, que tratava sobre a crise da

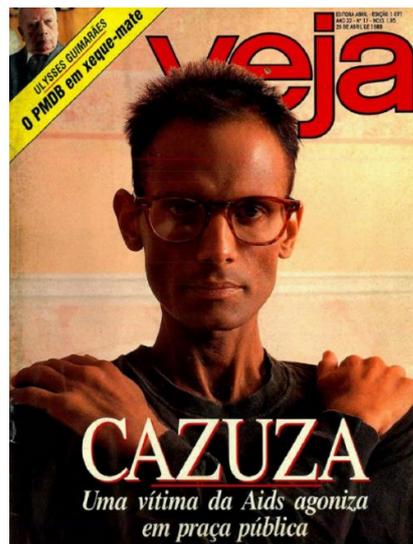
URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e registrou a venda de mais de 650 mil exemplares em todo o Brasil (VEJA, 2018).

ANÁLISE DA REPORTAGEM “CAZUZA: UMA VÍTIMA DA AIDS AGONIZA EM PRAÇA PÚBLICA”

Na edição 1.077 da revista *Veja*, de 26 de abril de 1989, a reportagem de capa chama a atenção tanto pela imagem de Cazuzza quanto pela manchete “Uma vítima de Aids agoniza em praça pública”.

De acordo com Sontag (2007, p. 55), a Aids é uma doença do tempo, em que sua evolução pode ser rápida e há toda uma variedade de sintomas que incapacitam, desfiguram e humilham o paciente, tornando-o cada vez mais fraco, indefeso e incapaz.

Figura 2 - Capa da edição 1.077 da revista *Veja*, de 26 de abril de 1989.



Fonte: Acervo digital da Revista *Veja*

Internamente na publicação, a partir da página oitenta, o cantor Cazuzza tem a sua vida e a sua relação com a Aids expostas aos leitores. Ao longo da reportagem, é possível notar que os jornalistas sempre ressaltam a estreita relação entre doença e morte, que ecoa a utilização do verbo agonizar na capa. Como Cazuzza não era hemofílico, criança e tampouco havia feito transfusão de sangue, o foco estava direcionado aos hábitos que o levaram a contrair o vírus HIV.

Ao longo da reportagem, é possível perceber, ainda, o uso de diversas metáforas militares. Estas consistem em palavras derivadas do campo semântico da

guerra, mas que são utilizadas em outros contextos. De acordo com Sontag (2007), essa utilização de metáforas militares em situações de doenças, como a Aids e o câncer, traz consequências negativas tanto para a doença quanto para o doente.

Na reportagem, é possível perceber que o principal foco era a vida de Cazusa e as consequências que a Aids trouxe para sua vida pessoal e profissional. Dessa forma, não existem muitas informações a respeito da doença, como as formas de transmissão e as formas de prevenção que já haviam sido comprovadas na época.

A reportagem de 1989 da revista *Veja* contribuiu com a estigmatização da doença, uma vez que a Aids aparece várias vezes vinculada ao comportamento dito promíscuo e inconsequente do cantor. Além disso, Cazusa, que teve sua imagem exposta nas páginas da revista, passou por um processo de estigmatização, especialmente ao considerar o contexto e o desconhecimento da população na época da publicação do material.

ANÁLISE DA REPORTAGEM “PERTO DA VITÓRIA: OS AVANÇOS DA MEDICINA NO COMBATE À AIDS”

Publicada no dia primeiro de novembro de 2019, no site da revista *Veja*, a reportagem *Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids*, escrita pela repórter Giulia Vidale, apresenta algumas descobertas científicas a respeito do HIV/Aids, que foram realizadas desde o início da epidemia até a atualidade.

Figura 3 - Título e linha-fina da reportagem *Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids*



Saúde

Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids

Combinação de drogas para a prevenção do vírus HIV e o tratamento da doença reduz sensivelmente o número de casos

Por Giulia Vidale | Fotos Egberto Nogueira Atualizado em 5 nov 2019, 01h12 - Publicado em 1 nov 2019, 06h00

Fonte: Captura de tela da reportagem on-line *Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids*.

A reportagem, traz nove fontes de entrevistas e aborda diversos aspectos relacionados à doença, ao contrário do que acontece na reportagem analisada anteriormente, na qual a vida de Cazusa era o foco principal.

Mesmo que a reportagem fale sobre métodos de prevenção e de tratamento do HIV/Aids, o material não aborda uma questão essencial: o TasP e/ou a premissa I = I, que é uma das descobertas mais revolucionárias no que se refere à doença. Além disso, o texto tem como foco a PrEP e não traz informações relevantes sobre a PEP.

Como o título prometia a abordagem dos avanços da medicina no combate à aids, era esperado que trouxesse informações completas sobre os métodos de prevenção e de tratamento descobertos até hoje.

Mesmo que a reportage aborde a PrEP de forma profunda, é possível perceber que há um foco nos aspectos negativos dessa medida de prevenção. Um dos aspectos que mais chamam atenção estão relacionados à problemática de relacionar o uso da PrEP a uma vida sexual desregrada, o que poderia trazer um aumento de outras ISTs, como a sífilis. Como o tema principal da reportagem é HIV/Aids, não é esperado que a sífilis seja um assunto de foco, especialmente se a doença é usada como justificativa para apontar uma característica negativa da PrEP – característica que já foi refutada por especialistas do sistema de saúde, uma vez que, para tomar a PrEP, o indivíduo precisa passar por exames periódicos.

Por fim, é importante destacar que a reportagem traz dados sem referenciar uma fonte oficial. Ao longo do texto, a repórter afirma que o Brasil registrou um aumento no número de novas infecções de HIV, especialmente em homens jovens, homossexuais e HSH.

O material foi publicado em novembro de 2019 e, para verificar essa informação, é preciso avaliar os dados do Boletim Epidemiológico de 2018, divulgado pelo Ministério da Saúde anualmente. De acordo com o documento, entre 2007 e 2018, 247.795 casos de infecção por HIV foram registrados no Brasil. Desses, 68,6% foram diagnosticados em homens e 31,4% em mulheres. Do total de homens, 59,4% dos casos decorreram de exposição homossexual ou bissexual.

De fato, a informação apresentada pela repórter é verdadeira, mas, ao não referenciar os dados, é possível afirmar que o texto reforça o estigma de que o HIV/Aids é um problema, principalmente, de homens homossexuais.

Como a reportage foi publicada em 2019, era esperado que trouxesse informações sobre todas as formas de prevenção e de tratamento do HIV/Aids, uma vez que o título promete a abordagem dos avanços da medicina no que se refere à doença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as reportagens analisadas, é possível afirmar que existem problemas relacionados à estigmatização do HIV/Aids em ambas. Enquanto a reportagem de 1989 direciona toda a atenção ao cantor Cazuza e às suas ações irresponsáveis, que o levaram ao diagnóstico positivo de HIV – e, por isso, ele é considerado uma vítima culpada –, o material de 2019 oculta informações importantes sobre a prevenção e o tratamento da doença.

Mesmo que os aspectos evidenciados pelas reportagens sejam divergentes, o problema nas duas é o mesmo: a estigmatização da doença e dos doentes. Cazuza era visto como irresponsável e, por isso, culpado por ter sido diagnosticado com Aids. Esse aspecto evoca na população o imaginário de que homens homossexuais têm uma vida sexual perigosa e o HIV é uma consequência.

Já na reportagem de 2019, a estigmatização ocorre, principalmente, porque a repórter não referencia as informações que apresenta. O dado que mais chama atenção se refere ao número de diagnósticos de HIV/Aids em homens homossexuais, mas a jornalista sequer menciona uma fonte oficial. Além disso, é importante ressaltar que todos podem ser infectados, uma vez que muitas pessoas ainda acreditam que o HIV está relacionado somente aos homossexuais.

A falta de abordagem do Tasp e da premissa I = I na reportagem de 2019 também traz prejuízos, uma vez que essa informação é determinante para a qualidade de vida das pessoas que vivem com a doença. Ao não mencionar essa descoberta, a repórter priva os leitores de conhecerem, de fato, os avanços na medicina e na pesquisa no que se refere ao HIV/Aids.

REFERÊNCIAS

_____. Uma vítima da Aids agoniza em praça pública. **Revista Veja**, Editora Abril, n. 1.077, p. 80-87, 26 abr. 1989.

_____, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Dominique Maingueneau; tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que é a PEP?**. Disponível em: <
<http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/o-que-e-pep>>. Acesso em: 05 out. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que é a PrEP?**. Disponível em: <
<http://www.aids.gov.br/pt-br/o-que-e-prep>>. Acesso em: 05 out. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**.
Brasília, 1994, ano 14, n.61, jan-mar. 1994. p. 53-59.

SONTAG, Susan. **Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

UNAIDS. **Estatísticas**. Disponível em:
<https://unaid.org.br/estatisticas/#:~:text=ESTAT%C3%8DSTICAS%20GLOBAIS%20SOBRE%20HIV%202019&text=37%2C9%20milh%C3%B5es%20%5B32%2C,at%C3%A9%20o%20fim%20de%202018>. Acesso em: 09 ago. 2020.

VEJA. **Acervo Digital a Revista Veja**. Disponível em:
<https://veja.abril.com.br/acervo/>. Acesso em 15 mar. 2021.

VIDALE, Giulia. Perto da vitória: os avanços da medicina no combate à aids. **VEJA**,
2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/perto-da-vitoria-os-avancos-da-medicina-no-combate-a-aids/>. Acesso em: 28 mar. 2021.